

Jazz

26 de setembro 2014

Dialektos

Maria Pia De Vito & Huw Warren

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Voz Maria Pia De Vitto

Piano Huw Warren

mariapiadevito.com

Sex 26 de setembro

21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h15 · M3

Para além do world jazz

Maria Pia De Vito e Huw Warren estão entre aquele rol de músicos que desafiam as catalogações. O que apresentam a dois pode ser inserido no domínio a que se vai chamando *world jazz*, mas essa é uma tentação redutora. É certo que, regra geral (ou pelo menos quando não canta sem palavras), a vocalista de Itália utiliza o dialeto napolitano e evidencia todas as influências que a música popular transalpina foi tecendo ao longo de séculos – aliás, no seu registo para a ECM saído em 2013, *Il Pergolesi*, Maria mergulha sem complexos no barroco. E é um facto, também, que o nome do pianista britânico está indelevelmente ligado a uma das mais importantes cantoras folk de sempre, June Tabor, de quem tem sido o diretor musical.

Seja como for, a combinação que ambos fazem desse lado das suas vidas com o jazz não é propriamente óbvia. Se a melodia constitui, para eles, um elemento fundamental, o que à partida os inscreveria numa abordagem jazzística mais *mainstream*, De Vito vem de uma formação na ópera e tem da voz uma perspectiva exploratória, enquanto Warren foi aluno de uma lenda viva do experimentalismo, John Tilbury, é um praticante das preparações pianísticas de John Cage e tem tocado com nomes como Mark Feldman, Peter Herbert e Theo Bleckmann, conhecidos pela sua propensão para se desviarem da norma.

Diz Maria Pia: «Este é o trabalho de dois improvisadores ligados ao jazz que gostam de pesquisar as proximidades entre as diferentes linguagens. Eu sou

de Nápoles, e para mim foi natural optar pelo Napolitano nas minhas associações com músicos como Ralph Towner e John Taylor. Também a melodia e o ritmo podem ser campos de exploração e é por aí que Huw e eu seguimos, incorporando elementos da Europa, do Brasil, da Índia.»

Como? «O que nos interessa é abrir as estruturas, procurar uma forma de o fazer que seja diferente de peça para peça, permitindo-nos a liberdade de saltar para fora da harmonia e de usar um pequeno motivo, uma figura, a fim de irmos para outro lado, em diálogo constante. É uma descoberta contínua, se bem que não pensemos voluntariamente em termos de inovação. Trata-se de um formato flexível, apenas sustentado nas nossas afinidades de gosto, que vai do silêncio, de tempos lentos e de frases melódicas bonitas até improvisações livres e danças frenéticas», comenta De Vito.

A parceria conta já com sete anos e resultou em dois discos, *Dialektos*, de 2008, e *O Pata Pata*, de 2011, com um terceiro em produção por estes dias. Ou seja, Maria Pia De Vito e Huw Warren podem fomentar a imprevisibilidade das situações, mas conhecem-se bem e de bastante antes desta colaboração. Confessa a primeira: «O Huw tem a incrível capacidade de... estar completamente comigo, com o meu fraseio. Chega a ser assustador. Tenho a certeza de que a sua longa experiência com cantoras e com a June foi importante para que tal aconteça. Quando improvisamos, somos quase telepáticos. Sinto que posso fazer o que quiser com o meu

scat,** pois ele vai estar sempre ligado, à sua maneira. Todos os *feedbacks* que me dá são inspiradores. A palavra-chave deste duo é 'confiança', e tanto ao nível musical como humano.»

Outro termo para descrever a música do projeto Dialektos é 'ecletismo', mas Maria Pia prefere a palavra 'curiosidade'. «Quando tento reproduzir a tradição napolitana sinto-me presa. Por mais bela que esta seja, é também muito pesada, assim como é pesado o jazz mais convencional. Que bom que é ter comigo alguém que tem um comportamento artístico semelhante ao meu, em busca de outros ângulos. Trabalhamos juntos, em diferentes contextos, há pelo menos 30 anos. Um deles tem sido a música barroca. Em Abril passado apresentámos na San Carlo Opera um espetáculo dedicado a Gesualdo da Venosa, com uma primeira parte de madrigais e árias de autores como Sigismondo d'India e John Dowland, que foi contemporâneo de Gesualdo. Na segunda parte interpretámos uma pequena ópera contemporânea sobre a história de amor de Maria d'Avalos e Gesualdo e pudemos improvisar sobre a partitura. Tocámos também, há uns anos, com uma extraordinária cantora carnática, Ramamani Ramanujan, e vamos encontrar-nos com ela de novo, na Índia, em Janeiro próximo.»

Tudo depende dos propósitos na altura. E das canções que façam parte do programa, umas de autoria da dupla, outras compostas por terceiros. «Adoramos canções, canções puras e simples, mas enquanto improvisadores permitimos que todos os concertos

constituam uma surpresa, e antes do mais para nós mesmos. Sejam temas lentos ou mais ritmados, não hesitamos e não somos fiéis a quaisquer prescrições», comenta De Vito. Alguns dos mais frequentes são assinados por Chico Buarque e Hermeto Pascoal. Não surpreende: Huw Warren lançou em 2009 um álbum com versões do último, acrescentando no início e no final duas peças suas de homenagem ao compositor e multi-instrumentista das terras de Santa Cruz, *The End is Also the Beginning e The Beginning is Also the End*.

A história desta atração pela música brasileira do lado de Maria Pia conta-a ela assim: «Em 2010 iniciei uma parceria com o grande Guinga, que me pediu para traduzir para Napolitano algumas das letras das suas canções. Depois levou-me ao Brasil para cantar os temas no meu dialeto, o que já aconteceu várias vezes. Uma delas é *Você, Você*, com texto do Chico, que aproveitei para conhecer pessoalmente. O Chico Buarque gostou do que faço e tivemos grandes conversas, até porque fala Italiano perfeitamente. Mais tarde traduzi a letra de *Olha Maria*, que está incluída no CD *O Pata Pata*. Eu e Huw encontramos uma forma muito livre, muito espontânea e abstrata de a tocar.»

Desde então, De Vito tem estado em permanente contacto com o amplamente reconhecido génio da MPB e são já numerosas as canções de Buarque que integrou no seu repertório. «A sua música consegue ser tão original e os seus versos tão... profundos! São um tesouro para qualquer cantor e para mim é uma honra e uma alegria poder

colocar algo de mim nessas músicas», refere.

E quanto ao jazz, no meio de tudo isto? «Bom, as coisas mais importantes que conheço devo-as ao jazz e à improvisação. O jazz, para mim, é um processo, é uma linguagem que inclui elementos distintos, é um tipo de abordagem a materiais que podem vir de qualquer direção. E é composição instantânea, é recomposição. Amo o jazz em todas as suas expressões.»

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista online jazz.pt

* *World jazz* é o nome dado ao cruzamento da *world music* (rótulo dado às expressões musicais étnicas do planeta) com o jazz.

** *Scat* é uma técnica de canto nascida com o jazz (há quem aponte Louis Armstrong como o seu 'inventor') e que consiste em fazer vocalizações sem palavras ou com palavras sem significado.

Maria Pia De Vito

Maria Pia De Vito foi sempre inspirada pela infinidade de possibilidades que a voz humana pode oferecer ao som; depois de estudar canto de ópera e música contemporânea, piano e percussão, começou a fazer experiências, começando com grupos que investigavam música étnica, em especial a música étnica polifónica, particularmente focada nas tradições da área mediterrânea, dos Balcãs e da América do Sul, deslocando-se para o jazz contemporâneo. Com as suas incríveis versatilidade, criatividade e sensibilidade, combinadas com os seus extraordinários dotes vocais, Maria Pia é uma das melhores e mais entusiasmantes vocalistas contemporâneas. Ao longo dos anos colaborou com John Taylor, Ralph Towner, Rita Marcotulli, Ernst Rejseger, Paolo Fresu, Norma Winstone, Steve Swallow e Gianluigi Trovesi, e apresentou-se com Músicos do calibre de Joe Zawinul, Michael Brecker, the Art Ensemble of Chicago, Miroslav Vitous, Uri Caine, Dave Liebman, Billy Hart, Eliot Ziegmond, Cameron Brown, Steve Turre, Maria João, Ramamani Ramanujan, David Linx, Diederik Wissels e muitos outros. Considerada a melhor cantora de jazz italiana recebeu vários prémios e alguns dos seus discos foram distinguidos pelas revistas da especialidade.

Huw Warren

Huw Warren, pianista e compositor galês, é reputado pela sua originalidade

e o seu poder de inovação. De entre as suas mais importantes colaborações está o trabalho com a estrela do folk contemporâneo, June Tabor, que durou mais de dez anos, e com o famoso baixista australiano Peter Hebert, o violinista americano Mark Feldman, o guitarrista John Parriceli e o trompetista Kenny Wheeler. A sua abordagem ao piano, versátil, apaixonada, inovadora, não conhece fronteiras: abrange todos os estilos musicais, mas sobretudo expressa a sua própria maneira de sentir a música. O seu primeiro CD, *Barrel Organ (Far From Home)* baseia-se em fotografias da vida rural e urbana dos anos 1930; no seu segundo álbum, *Infinite Riches in a Little Room*, toca piano solo, inspirado em peças que vão de John Dowland a Charlie Parker. O seu álbum mais recente regista um conjunto de improvisações com o contrabaixista Peter Herbert.

A sua colaboração com Maria Pia de Vito data de 2007 e deu origem a dois CD's (*Dialektos* de 2008, e *O pata pata* de 2010) e a dezenas de concertos por toda a parte. Duas personalidades fortes e inovadoras, com uma incrível capacidade de entendimento, que se lançaram em novas explorações musicais. Para além de muitos temas da autoria dos dois músicos, interpretam canções brasileiras de nomes como Chico Buarque, Hermeto Pascoal, José Miguel Wisnik, Vinicius de Moraes ou Edu Lobo.

Para mais informação visite:
www.uwwarren.co.uk

Próximo espetáculo

João Hasselberg

Whatever It Is You're Seeking, Won't
Come In The Form You're Expecting
Ciclo "Jazz +351"
Comissário: Pedro Costa

Jazz Ter 7 de outubro

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M3

Piano Luís Figueiredo Bateria Bruno Pedroso
Saxofone Ricardo Toscano Trompete Diogo
Duque Guitarra João Firmino Voz Joana
Espadinha Contrabaixo, baixo elétrico João
Hasselberg

Até há bem pouco tempo, João Hasselberg era conhecido, sobretudo, como um bom contrabaixista que valorizava qualquer formação para a qual fosse convidado. Com o lançamento do seu álbum de estreia em nome próprio, com o longo título, à maneira do romancista Raymond Carver, de *Whatever It is You're Seeking, Won't Come in the Form You're Expecting*, tudo mudou. Descobrimos que, além do instrumentista, existe um compositor com ideias frescas e amadurecidas e um líder de grupo que, não só sabe escolher os músicos que o acompanham (a nata da cena nacional), como aproveita da melhor maneira as contribuições dos outros músicos para enriquecer as suas partituras.



A música que nos propõe é de inspiração literária, como fica desde logo elucidado pelos títulos do disco e das peças incluídas (*The Old Man and the Sea*, *The Ballad of the Sad Café*, *On the Road* e *Amor de Perdição* são exemplos bem conhecidos), mas transforma as narrativas e as descrições textuais num cinema sonoro que desperta as imaginações. É essa uma das grandes surpresas que nos traz. A outra é o facto de este ser um jazz descomplexado, que vai beber tanto à música erudita como à pop, que se atreve à complexidade sem qualquer presunção e que consegue ser simples sem entender uma canção como *fast food* para os ouvidos.

O maior trunfo deste jovem compositor e *bandleader*, qualidade rara e que deverá ser exacerbada tanto quanto possível, é a sua capacidade de escrever canções, ingrediente que torna a música intemporal e independente de estilos ou caixas estéticas.

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Alice Neiva

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@gcd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
